

A lírica amazônica de Leandro Tocantins: literatura e memória em *Cosmoinfância*

The Amazonian poetics of Leandro Tocantins: literature and memory in *Cosmoinfância*

Luís Fernando Ribeiro Almeida*
José Guilherme de Oliveira Castro**

RESUMO: Por meio de uma incursão bibliográfica, que cruza os campos da Literatura e da Memória, busca-se discutir como a Amazônia é configurada nos poemas que compõem a obra *Cosmoinfância*, do escritor paraense Leandro Tocantins (1919-2004), a fim de verificar, na/pela tessitura literária, diferentes aspectos da sociedade e da cultura amazônicas engendrados pela linguagem poética. Com base nos trabalhos de Le Goff (1996), Barthes (2007), Candido (2014), Guimarães (1997), Bosi (2000), entre outros estudos, observou-se que os versos de Leandro Tocantins enframam marcas da memória de uma Amazônia da metade do século XX, sob as consequências do declínio da produção da borracha; as peculiaridades de Manaus e Belém; bem como as vicissitudes das populações ribeirinhas.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Amazônia; Leandro Tocantins; *Cosmoinfância*.

ABSTRACT: Through a bibliographical incursion, which crosses the fields of Literature and Memory, we seek to discuss how the Amazon is configured in the poems that make up the work *Cosmoinfância*, by the writer Leandro Tocantins (1919-2004), in order to verify, in/through the literary fabric, different aspects of Amazonian society and culture engendered by poetic language. Based on the works of Le Goff (1996), Barthes (2007), Candido (2014), Guimarães (1997), Bosi (2000), among other studies, it was observed that Leandro Tocantins verses bear traces of the memory of the Amazon in the mid-20th century, under the consequences of the decline in rubber production; the peculiarities of Manaus and Belém; as well as the vicissitudes of riverside populations.

KEYWORDS: Poetry; Amazon; Leandro Tocantins; *Cosmoinfância*.

Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era mui outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênesis.
(Euclides da Cunha)

* Professor da rede pública de ensino, mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará, doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia, bolsista Prosup/CAPES. E-mail: profalmeidafernando@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9580-6231>.

** Professor na Universidade da Amazônia, doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, líder do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico. E-mail: jgpsico.letras@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3602-7734>.

1 Introdução

Como bem aponta a escritora e filósofa Marilena Chauí (2000), em *Convite à Filosofia*, Platão, em seu diálogo *Fedro*, pela interlocução de Sócrates, põe em debate, entre outras questões, o problema da linguagem/oratória. Nesse texto, composto por volta de 370 a.C., essa faculdade humana é caracterizada como uma espécie de porção que, dependendo da intenção/objetivo, poderia servir como remédio, veneno ou cosmético. Tal analogia feita pelo autor de *A República* serve para ilustrar o complexo campo que envolve a linguagem e suas manifestações.

No que diz respeito à produção literária, notadamente caracterizada pela linguagem conotativa, é importante ressaltar que, enquanto campo simbólico, é um espaço cruzado por distintas interfaces, entre elas a questão da Memória. Proença Filho (1992, p. 38), em *Estilos de época na literatura*, assinala que a “[...] literatura cria significantes e funda significados. O texto literário é multissignificativo.”

Isto posto, partindo de uma investigação de cunho bibliográfico, que cruza os campos da Literatura e da Memória, este artigo discute como a Amazônia é configurada nos poemas que compõem a obra *Cosmoinfância*, do escritor paraense Leandro Tocantins (1919-2004), em um movimento de caráter dialético, a fim de verificar, na/pela tessitura literária, diferentes aspectos da sociedade e da cultura amazônicas engendrados pela linguagem poética.

Para o bom encadeamento das discussões, o trabalho está dividido em três pontos importantes. De início, as discussões concentram-se nas relações existentes entre Literatura e Memória — entendendo-se que a tessitura textual, no caso a literária, mobiliza lembranças/reminiscências, aspectos de uma época, vivências/experiências de uma sociedade — e suas reverberações nos discursos dos indivíduos. Feitas tais considerações, passamos a situar o escritor Leandro Tocantins e sua produção dentro do contexto literário amazônico. Por fim, o último item centra-se na análise dos poemas da obra citada, a partir da identificação dos seus principais temas.

Como suporte teórico, utilizamos trabalhos de Le Goff (1996), Barthes (2007), Candido (2014), Guimarães (1997), Bosi (2000), entre outros estudos, que associam o fazer literário a uma espécie de processo de “decalque”, ou seja,

uma forma de transferência de uma superfície para outra. Assim, as lembranças/reminiscências do autor passam a ser configuradas em texto por meio da instância poética.

De modo geral, da análise dos poemas presentes em *Cosmoinfância*, destacam-se as marcas da memória de uma Amazônia da metade do século XX, sob as consequências do declínio da produção da borracha; as peculiaridades dos centros urbanos de Manaus e Belém; um olhar para a zona rural (Ilha de Marajó); bem como as vicissitudes que marcam a vida das populações à margem dos rios.

2 Literatura & Memória: algumas aproximações

Roland Barthes (2007), em seu discurso de posse na cadeira de Semiologia Literária, no Colégio de França, no ano de 1977, ao apontar as funções da literatura, chama atenção para o que denominou de *Mathesis*, em referência ao fato de que a tessitura literária comporta diferentes saberes, ou, de maneira mais sintética, por meio da literatura o leitor é capaz de caminhar e/ou conhecer outros movimentos interpretativos.

Nesse sentido, à guisa de exemplificação, ao dedicarmos um tempo à leitura de um romance, podemos encontrar pistas que se prestam a investigações históricas, sociológicas, filosóficas, geográficas, entre outros campos. A título de ilustração, tomemos a composição de João Cabral de Melo Neto (1920-1999), *Morte e Vida Severina*. Nesse auto natalino, um dos textos mais conhecidos do escritor pernambucano, observamos a questão do êxodo rural e do latifúndio, temas, até hoje, muito presentes no interior do nordeste brasileiro.

Tal movimento não resume a literatura a uma espécie de enciclopédia, ao contrário, sua dinâmica é flexível, ao passo que a obra está aberta à interpretação de diferentes leitores, ou como já apontava Sócrates, em *Fedro*: “uma vez escrito, um discurso sai a vagar por toda a parte [...] e nunca se pode dizer para quem serve e para quem não serve” (PLATÃO, 2011, p. 120). Neste estudo, ao discutirmos como a Amazônia é configurada na poesia do escritor paraense Leandro Tocantins, adentramos na discussão da relação existente entre Literatura e Memória, a partir dos pontos de contato que podem existir entre esses campos, tendo como espaço de diálogo o texto em seus diferentes

contornos.

Retomando a discussão de Barthes (2007), a composição literária não está isenta de interferências de ordem social, que envolvem o escritor e sua produção. Tal consideração alinha-se aos debates de Candido (2014, p. 40), em *Literatura e Sociedade*, que, ao discutir sobre a configuração da obra literária, afirma que esta “depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição.” Assim, pensar o autor como um ser fechado em si mesmo, como se estivesse em uma sala à prova de qualquer interferência externa, é cair em um risco que pode deixar a análise literária comprometida. Inversamente, contudo, é temeroso reduzir a análise de uma obra apenas a seu aspecto estritamente histórico, sob pena de nos distanciarmos do seu caráter subjetivo/figurativo. Isto posto, é necessário encontrar o “caminho do meio” na interpretação literária.

Nesse pensamento, quando analisamos os poemas de Leandro Tocantins, notamos uma tônica pelo regional, caracterizado por referências aos rios, florestas, cidades (meio urbano ou rural), bem como a vida de um personagem característico da região: o seringueiro, que, ao lado do caboclo, do indígena, do ribeirinho, além do garimpeiro, compõe o quadro antropológico amazônico. Sobre a pluralidade da cultura amazônica, Batista (2006, p. 11), em *Amazônia – Cultura e Sociedade*, salienta que “falar da Amazônia, em qualquer dos aspectos – fisiográfico, social, intelectual – é aventurar-se alguém a enfrentar senão o infinito, pelo menos o indefinido.”

Retomando a questão do fenômeno literário, vale o destaque para a opinião de Compagnon (2010). O autor chama a atenção para o fato de que a literatura, do ponto de vista da função, assim como pode estar em desacordo com a sociedade, pode perfeitamente concordar com ela. Esse fato pode ser visto na totalidade lírica de *Cosmoinfância*, obra de caráter memorialístico, pois, como afirma Frye (2013, p. 253), em seu estudo *Anatomia da Crítica*, podemos “ver a poesia como imitação de ações sociais infinitivas e do pensamento humanos infinito, a mente de um homem que é todos os homens, a palavra criativa universal que é todas as palavras.”

Adentrando na discussão sobre a memória, Le Goff (1996, p. 423) afirma que esta pode ser entendida como “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele

representa como passadas.” Dessa maneira, em um aspecto relacional, é na memória, ainda na opinião de Le Goff (1996, p. 477), “onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” Nessa perspectiva, podemos, pois, a partir de tais ponderações, fazer uma conexão com as considerações de Guimarães (1997, p. 63), que, ao discutir sobre o que é uma imagem em literatura, a caracteriza como “um bloco de sensações, perceptos, afectos, paisagens e rostos, visões e devires.” Seguindo esse raciocínio, podemos afirmar que, na tessitura do texto literário, há um emaranhado de imagens.

No cruzamento entre Literatura e Memória, Bosi (2000) destaca que o passado e a memória servem de matéria-prima para a instância poética, ao mesmo tempo que verifica que no poema, o singular é concreto, pois o ser está multiplicadamente unido aos sentimentos e aos ritmos da experiência, formado/constituído de contextos históricos e sociais. Neste ponto, a fim de exemplificar as considerações sobre a tessitura literária e as reminiscências do autor, tomemos um dos poemas mais conhecidos do escritor romântico Casimiro de Abreu (1837-1860), *Meus Oito Anos*. Vejamos os seguintes versos:

Oh ! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência!
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d’amor!
Que auras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d’estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar! (ABREU, 2007, p. 172)

Pertencente à segunda geração da poesia romântica, a composição de

Casimiro de Abreu tem por epígrafe o seguinte verso do escritor francês Victor Hugo (1802-1885), a saber: “Ô souvenirs! printemps! aurore!”. A citação utilizada pelo poeta brasileiro, em verdade, é o título de um poema de Victor Hugo, que pode ser traduzido por “Ó memórias! primavera! alvorecer!” Consultando o poema do autor de *Os Miseráveis*, notamos que não foi por acaso que Casimiro de Abreu o escolheu. Tal composição poética, de forma análoga ao poema do escritor brasileiro, apresenta um eu-lírico que se reporta ao passado, local onde repousam lembranças de pessoas e de lugares agradáveis: família e natureza.

No que respeita à temática de *Meus Oito Anos*, o poema configura duas características da poesia da 2ª geração romântica, o escapismo e o saudosismo, aflorando o tema da saudade da infância, cujo *locus amoenus* (expressão latina que significa “lugar ideal”) do eu lírico aninha-se entre bananeiras e laranjais. Nesse contexto, o movimento composicional realizado por Casimiro de Abreu não está muito afastado do procedimento adotado por Leandro Tocantins. Assim, podemos considerar, pois, que a matéria-prima de que são feitas as considerações do eu lírico dos poemas de *Cosmoinfância* é, em um plano global, a organização de fatos remotos da vida do autor (infância), experiências advindas dos sentidos, ao modo do pensamento de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa: “E os meus pensamentos são todos sensações” (CAEIRO, 1981, p. 235).

3 Leandro Tocantins: menino *hinterlandino*

Leandro Tocantins nasceu no bairro da cidade Velha, em Belém do Pará, no ano de 1919, e faleceu em 2004. Antes de completar um ano de idade, mudou-se para o Acre, na região do Vale do Juruá, onde seus pais estabeleceram-se no rio Tarauacá para administrar seringais, herança da *Casa Aviadora Barbosa & Tocantins*, na praça de Belém, afetada pela crise econômica da borracha.

Do ponto de vista histórico, a região amazônica, notadamente a partir da segunda metade do século XIX, presenciou o apogeu da extração e exportação da borracha, fato que propiciou um franco desenvolvimento dos grandes centros urbanos da região, a exemplo das cidades de Belém e Manaus. Como consequência da riqueza gerada pela economia gomífera, temos a construção do

Teatro Amazonas, em Manaus, e o processo de (re)urbanização da capital paraense, com a construção dos *boulevards* (ruas largas) e de grandes estabelecimentos comerciais. Segundo Nunes (2020, p. 167), tais “[...] mudanças econômicas transformaram Belém em centro de negócios e, ao mesmo tempo, em local de residência e convívio da classe alta e da ampla classe média.”

Todavia, com a entrada, no mercado mundial, da borracha produzida nas colônias inglesas da Ásia, o monopólio amazônico dessa matéria-prima foi quebrado, instaurando-se uma crise econômica na região. A esse respeito, no campo literário, vários escritores construíram narrativas sobre o período do declínio da exploração da borracha na Amazônia, e a consequente repercussão na dinâmica sociocultural da região. À guisa de exemplificação, vale destacar as produções de Peregrino Júnior (1898-1983) e de Dalcídio Jurandir (1909-1979).

Em “O putirum dos espectros”, um dos contos do livro *Puçanga* (1929), Peregrino Júnior (1974, p. 72-73) apresenta a decadência de um seringal, sob o véu do fantástico:

O seringal, num abrir e fechar de olhos, despovoou-se. As machadinhas do corte pararam. Os seringueiros desapareceram dos varadouros. As pelas de borracha, empilhadas no barracão, não valiam um vintém de mel coado. Não havia quem quisesse comprá-las por nenhum preço. Nem de graça. O administrador deu ordem para largar o corte. E o pessoal desertou, em massa.

Já em *Belém do Grão-Pará*, uma das obras do Ciclo do Extremo Norte, Dalcídio Jurandir (2004) apresenta a capital paraense após o período fausto da borracha, uma cidade melancólica, a recordar-se das riquezas vividas nos tempos áureos da *Belle Époque*, personificada pela família Alcântara:

Na rotina da capatazia, diante do cais murcho, as “gaiolas” em seco e os armazéns fechados, seu Virgílio foi se convencendo de que tudo aquilo não viera apenas da queda da borracha. Mas de que mal? Ambição? Imprevidência? Castigo de Deus? Obra do estrangeiro? A cidade exibia os sinais daquele desabamento de preços e fortunas. Fossem ver a Quinze de Novembro com os seus sobrados vazios, as ruínas d’A Província, os jardins defuntos, a ausência de cal e do brilho nos edifícios públicos e nos atos cívicos. (JURANDIR, 2004, p. 63.)

Avançando, o termo menino *hinterlandino* foi tomado de empréstimo do artigo “Tocantins: Amazônia sempre”, do escritor Genesino Braga (1906-1988),

publicado no *Jornal do Comércio* (Amazonas), em 4 de janeiro de 1970. O adjetivo *hinterlandino* deriva do vocábulo *Hinterland*, termo alemão que significa terra de trás. No campo geográfico, está ligado à área servida por um porto, ou seja, espaço de influência de uma cidade portuária. Em virtude da conformação do ambiente amazônico, notadamente marcado por grande número de rios, o termo é frequentemente usado para caracterizar as povoações às margens das vias fluviais.

O mesmo Genesino Braga, acadêmico da Academia Amazonense de Letras, quando de sua crítica à obra *Cosmoinfância*, vinda a público no *Jornal do Comércio* (Amazonas), em 1970, caracteriza Leandro Tocantins nos seguintes termos: “Amazônida que traz integral, em sua sensibilidade e inteligência, a nota tropical veemente, profunda, de nossas águas, de nossos sumos, de nossa vida regional” (BRAGA, 1970, p. 2).

No campo bibliográfico, a obra de Leandro Tocantins gravita em torno de dois polos de influência: Pará (Belém e Ilha do Marajó) e o Estado do Acre. Dentre suas publicações, podemos destacar as seguintes: *O Rio comanda a Vida* (uma interpretação da Amazônia), na qual faz um estudo da importância e da influência dos rios na vida dos povos da floresta amazônica; e o premiado *Formação Histórica do Acre*. Além dessas, somam-se a sua produção: *Amazônia — natureza, homem e tempo*; *Santa Maria de Belém do Grão-Pará*; *Aventuras de Tizinho*; além dos livros de poemas: *A memória de viver* e *Os silêncios do canto*.

Ainda no campo de sua produção, Leandro Tocantins é considerado um dos grandes intérpretes da face amazônica do escritor fluminense Euclides da Cunha (1866-1909). Na obra *Euclides da Cunha e o paraíso perdido*, Tocantins, com agudeza, cartografa a experiência amazônica do autor d’*Os Sertões*, que passara pela região enquanto chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Auto Purus, em 1905. Nesse importante estudo, Tocantins apresenta o famoso episódio em que Euclides, em determinada cerimônia, ao notar a ausência da bandeira brasileira, teria dito, do auto de seu espírito agitado, para o constrangimento dos anfitriões, que as folhas de palmeira — que ornamentavam o espaço — com suas cores, representariam a sua pátria, o Brasil.

4 *Cosmoinfância*: organizando pedaços de vida

Publicado no último trimestre de 1969, *Cosmoinfância* foi prefaciado pela escritora Rachel de Queiroz (1910-2003). Ao todo, a publicação apresenta treze poemas, a saber: *Pré-Memória e Primeira Memória*; *O rio e a vida*; *Repique*; *Tempo que foi Belém do Pará*; *Mulher da ponte*; *Seringal Seringueiro*; *Ilha de Marajó*; *O vago desejo de ser*; *Gesta primitiva*; *Manaus elegia prima*; *Seringal ao som da sonata ao luar*; *Astronauta do tempo*; e *Prenúncio*.

A obra de Leandro Tocantins, como o próprio autor destaca, na primeira edição do livro, é uma incursão já tardia pela estrada poética, embora, na juventude, tenha flertado com os versos. Esse “namoro” inicial de Tocantins ocorreu por meio da composição “Paisagem Amazônica”, ainda na época ginásial, publicada na revista *Vitória Régia*, mantida pelo Grêmio Literário do Colégio Nossa Senhora de Nazaré, Belém-PA. Já mais experimentado da vida, em *Cosmoinfância*, temos um autor que faz um movimento de volta às suas raízes, notadamente, às tradições, aos costumes e às paisagens de uma Amazônia da primeira metade do século XX, onde as consequências da decadência do Ciclo da Borracha ainda faziam-se ecoar pelas cidades amazônicas, em especial Manaus e Belém.

No que diz respeito à recepção da obra pela crítica da época, esta pode ser verificada no artigo do escritor Genesino Braga, publicado no *Jornal do Comércio* (Amazonas). Nas palavras de Braga, as composições de Leandro Tocantins são “[...] poesias de circunstâncias, com imagens e cenários da lembrança filosoficamente cultivada, fixam reflexões conceituosas, às vezes irônicas e deformadas em volúpias um tanto abstratas” (BRAGA, 1970, p. 2). As considerações de Braga ratificam o percurso criativo adotado por Leandro Tocantins, qual seja, o espelho de suas reminiscências, reflexo do manancial cultural amazônico. A respeito da tomada do espaço amazônico como inspiração para diferentes composições literárias, lembremos o que destacou Machado de Assis (2008), em seu conhecido estudo crítico *Instinto de Nacionalidade*. Para Machado, a natureza brasileira é um rico e produtivo tema para a criação literária.

Neste momento, cabe uma reflexão acerca do próprio título do livro, *Cosmoinfância* (ou poemas desgarrados): Tocantins, por meio de um processo de

justaposição, une os vocábulos *Cosmo* + *infância*. Exemplifiquemos, pois, cada um. Segundo as definições correntes de dicionário, *Cosmo* (ou *Cosmos*) denota organização, ordem. Ainda sobre os conceitos ligados a esse vocábulo, segundo a tradição oriunda da mitologia grega, antes do processo de ordenamento das coisas, existia o *Caos*, ou seja, um ambiente marcado pela não materialidade, a irrealidade, o vazio, a desorganização, algo escuro e frio.

Na *Teogonia*, de Hesíodo, há uma sinopse do próprio processo cosmogônico, ou seja, o movimento de organização das forças do universo, dando origem à linhagem dos deuses. Uma das versões para a origem dos deuses, diz que “a Terra, o Érebo e o Amor foram os primeiros seres. O Amor (Eros) nasceu do ovo da Noite, que flutuava no Caos. Com suas setas e sua tocha, atingia e animava todas as coisas [...]” (BULFINCH, 2002, p. 11). De forma correlata, o que verificamos na escrita de Leandro Tocantins é um esforço para configurar o próprio universo particular, utilizando para isso suas mais tenras lembranças, com a algibeira da memória cheia de vivas reminiscências, tal qual o personagem Tito, do conto “Linha reta e linha curva”, de Machado de Assis.

Já o termo *infância*, além de compreender o período desde o nascimento até cerca de doze anos, equivale, também, a origem, começo. Nesse sentido, podemos indicar que o autor, por meio da instância poética, buscou organizar seus “pedaços de vida”, que remontam a tempos precedentes à maturidade, a exemplo do que fizera o escritor Graciliano Ramos (1892-1953) nas belas páginas de *Infância*, narrativa fiada com a linha de um passado presente nos dilemas da vida adulta. Interessante destacar que Tocantins, como epígrafe de *Cosmoinfância*, faz de versos de *Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade, como mecanismo introdutório de sua caminhada pelas estradas do passado:

Quem decifra por baixo
A letra do menino
agora que o homem sabe
dizer o que não mais
se oculta no seu peito? (ANDRADE, 2017, p. 225.)

De fato, os versos de Drummond ilustram o momento criativo de Tocantins, uma vez que o autor, já na fase adulta, sente a necessidade de revelar as sensações mais íntimas do seu peito, ou seja, suas recordações. Analisando o prefácio feito por Rachel de Queiroz, intitulado *As duas palavras*, entre outras

considerações, a escritora chama a atenção para o fato de que Leandro Tocantins, embora já estivesse morando longe da região amazônica, esta, por seu turno, permanecia presente no mais íntimo do escritor.

As palavras de Rachel que, aliás, quando criança, passou alguns anos na capital paraense,¹ confirmam a opinião de Bosi (2000), em sua discussão entre Literatura e Memória, ao afirmar que o passado e a memória servem de matéria-prima para a instância poética. Com efeito, nos poemas de *Cosmoinfância*, analisados doravante, destaca-se a influência do espaço amazônico no processo de composição de Leandro Tocantins.

O próprio autor pontua, em seu texto de apresentação intitulado “Frágeis palavras”, que seus versos “estão impregnados de paisagem regional, embora universalmente expressos. Seja a paisagem psicológica, sociocultural, seja a da Natureza, a da História” (TOCANTINS, 1993, p. 30). Um pouco mais adiante, o autor define *Cosmoinfância* como uma “[...] espécie de saga infanto-juvenil — lenda-canção para o adulto — é processo de mensuração intertemporal em que o tempo-que-foi sofre o tritramento do tempo-que-é” (TOCANTINS, 1993, p. 32).

Ainda no texto de apresentação, Tocantins revela ao leitor que sua incursão poética é uma “aventura um tanto proustiana de procurar o tempo perdido que se esvai na escultura dos ritmos” (TOCANTINS, 1993, p. 25). Notadamente, Tocantins faz referência a obra *A La Recherche du Temps Perdu* (*Em busca do tempo perdido*), do escritor francês Marcel Proust (1871-1922).

Não é de forma desconexa que Tocantins menciona Proust, uma vez que, assim como ocorreu no processo de composição do escritor paraense, o papel dado à memória é central no romance proustiano. Tal é a inspiração do escritor francês no ato criativo/produtivo de Tocantins, que o autor cita o enunciado inicial de *No Caminho de Swann* como ilustração do seu estado retrospectivo em que se envolveu para escrever: “*Longtemps je me suis couché de bonne heure*” (Durante muito tempo, deitava-me cedo).

Após essas considerações, passemos, pois, à análise dos poemas que compõem *Cosmoinfância*. Objetivando um estudo mais detalhado dos textos,

¹ Segundo a cronologia da escritora, em decorrência da seca de 1915, ela e seus pais migraram para outras partes do Brasil, como Belém, onde residiram por cerca de dois anos, entre 1917 e 1919.

esses foram organizados por temas. Ao todo, seis temáticas perpassam a poética de Tocantins: evocação à memória; universo fluvial; espaço urbano; primeiras sensações amorosas; vida nos seringais; e fatos na Ilha do Marajó. À guisa de exemplificação, um poema ligado a cada temática será fruto desta reflexão.

O primeiro tema a ser discutido é sobre a evocação, ou seja, o chamamento, por parte do eu lírico, que busca no seu íntimo as mais tenras recordações e/ou pré-recordações do seu *locus amoenus*. Nesse sentido, à guisa de exemplificação, cabe situar o poema “Pré-Memória e Primeira Memória”, com destaque para o seguinte trecho:

Vem, lembrança tecida pela flor insubstancial,
vem aplacar a sede das horas que se apagam:
estrelas e miragens anunciantes
nos verdes vales, vales verdes,
enchendo de verde a minha vida.
Rios no sulco profundo de minha memória,
correndo sumários de mundos
que nunca se perdem no mar azul de todas as idades.
Vida verde que as árvores marcaram
o sinal do orvalho repousado
no sonho que apenas se anuncia
infante em vária encarnação. (TOCANTINS, 1993, p. 35.)

De início, podemos considerar “Pré-Memória e Primeira Memória” como um poema-prólogo, pois o eu-lírico, a exemplo dos autores da poesia épica, apresenta, inicialmente, os temas que serão a tônica das composições ulteriores: rios, floresta, lembranças da infância. Outra reflexão decorre do seguinte verso: “Vem, lembrança tecida pela flor insubstancial.” Desse enunciado, podemos, com efeito, considerar que o eu poético recorre a uma atitude sedimentada nos poemas épicos: invocação às divindades.

No caso do trecho em discussão, o vocábulo lembrança, sob as vestes de uma apóstrofe, está diretamente ligado à noção de memória. Nesse sentido, a rica mitologia grega apresenta a deusa Mnemósine (ou Memória) que, após união com Zeus, tivera as nove Musas: Calíope, Clio, Érato, Euterpe, Melpômene, Polímnia, Terpsícore, Talia e Urânia. Do ponto de vista etimológico, o nome Mnemósine tem origem grega, derivado do verbo recordar.

Levando-se em consideração o eu lírico dos poemas de Leandro Tocantins, que empreende um esforço para voltar ao passado, a fim de estabelecer certo

estado de harmonia na vida adulta; no poema “Esquecimento”, um dos textos da obra póstuma *Faróis* (CRUZ E SOUZA, 1900), do poeta simbolista Cruz e Sousa (1861-1898), encontramos um eu lírico que decanta os dissabores do olvidamento. Vejamos as estrofes finais:

Esquecimento! eclipse de horas mortas.
Relógio mudo, incerto,
Casa vazia... de cerradas portas,
Grande vácuo, deserto.

Cinza que cai nas almas, que as consome,
Que apaga toda a flama,
Infinito crepúsculo sem nome,
Voz morta a voz que a chama.

Harpa da noite, irmã do Imponderável,
De sons langues e enfermos,
Que Deus com o seu mistério formidável
Faz calar pelos ermos.

Solidão de uma plaga extrema e nua,
Onde trágica e densa
Chora seus lírios virginais a lua
Lividamente imensa.

Silêncio dos silêncios sugestivos,
Grito sem eco, eterno
Sudário dos Azuis contemplativos,
Florescência do Inferno.

Esquecimento! Fluido estranho, de ânsias,
De negra majestade,
Soluço nebuloso das Distancias
Enchendo a Eternidade! (CRUZ E SOUSA, 1900, p. 56-57.)

Isto posto, passemos à análise dos demais poemas. Como resultado da vivência do autor às margens dos rios, nessa *hinterland* amazônica multiversa, destacam-se os poemas: “O rio e a vida”, e “Repique”, que ilustram a temática do universo fluvial. Agora, observemos os primeiros versos de “Repique”, composição dedicada à cidade de Tarauacá, local onde Leandro Tocantins passou a infância.

Repicou o repique
no ventre volumoso do rio.
Barriga d’água de chuvas matemáticas,
lágrimas glaucas de florestas imemoráveis
que se distilam na viagem inquieta dos igarapés,
na face oculta de lagos nascimortos,
derramando enchente na carne dos barrancos nus.

Repicou o repiquete,
rouba canoa,
arranca batelão
leva banheiro de bubuia,
traz balseiro, estranho húmus,
de árvore tombada, veneno de cobra, pássaro morto.
Vai bater na porta das “raparigas”,
lavar os pecados do mundo
nas águas saciadas de baba e espuma. (TOCANTINS, 1993, p. 38.)

Esses versos estão cheios de uma carga simbólica muito representativa. Essa passagem revela a força criadora e devastadora dos rios na Amazônia. Sobre o termo repiquete, Raimundo Moraes, em *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, define o vocábulo como sendo “sinal de enchente, acima do estuário amazônico, onde não predomina mais a força da maré atlântica. Primeiras manifestações anuais das cheias. Enxurrada” (MORAIS, 2013, p. 145).

Em consonância com a ideia contida no poema em análise, o escritor fluminense Euclides da Cunha (1866-1909), em seu ensaio “Impressões Gerais”, fruto de sua passagem pela região, em 1905, já destacava que o rio é como um artista. Fazendo uso da personificação, Euclides descreve a força (re)criadora do rio: “[...] as faculdades criadoras do rio despontam supreendendoramente. O baixio prestes recém-formado e aflorando à superfície delinea-se em contornos indecisos” (CUNHA, 2005, p. 11).

Dando prosseguimento, observemos as impressões do infante Leandro Tocantins diante dos espaços urbanos, precisamente Belém e Manaus. Nessa temática, chama a atenção os poemas “Tempo que foi Belém do Pará” e “Manaus elegia prima”. Vejamos o seguinte trecho da primeira composição:

Belém velha
Belém da Cidade Velha
do largo da Sé
do Bonde Bagé
da Igreja da Sé
do meu batizado,
sempre acenando pra Igreja de Santo Alexandre.
A procissão do Corpo de Deus,
O Círio de Nazaré,
se derramando no largo da Sé.
E o bispo Caetano Brandão, no alto da pedra,
Dá bênção de bronze.
As novenas de Nossa Senhora
os foguetes de Nossa Senhora
o arraial de Nossa Senhora.

De Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará. (TOCANTINS, 1993, p. 40.)

Em um plano geral, podemos considerar “Tempo que foi Belém do Pará” como uma espécie de ode a Belém, uma cidade que guarda a herança portuguesa em suas ruas estreitas e misteriosas. Além disso, o eu-lírico faz referência a espaços turísticos: o bairro da Cidade Velha, o largo da Sé; também destaca um meio de transporte comum na segunda metade do século XX: o bonde; sem deixar de mencionar uma tradição religiosa característica dos paraenses: o Círio de Nazaré. Tal manifestação religiosa também aparece no enredo do romance *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir. No capítulo trinta e nove encontramos: “Da velha e bela Sé, o Círio, na manhã seguinte, novamente passando pelos Alcântaras, levaria a Santa na sua berlinda para a Basílica ainda e sempre em construção” (JURANDIR, 1960, p. 303).

Outra temática presente em alguns poemas de *Cosmoinfância* é a descoberta (curiosidade) do menino com o corpo feminino. Tal questão aparece de forma mais explícita nos versos de “Mulher da ponte” e “O vago desejo de ser”. Vejamos o primeiro caso:

A ponte, arquitetura do amor
oculta no pasto dos prazeres.
O carmim no rosto,
suores vermelhos,
na noite regada de fúria e paz.
Mulher da ponte mulher puta
na imaginação transfigurada do menino,
mulher lírio que brota do estrume proscrito,
ressurge na luz da manhã amarela,
do sol presente (ou da luz ausente),
estende a mão impura (ou pura),
ingênua precisão
de afagar de leve o rosto do menino
que passa na ponte imponderavelmente obscura. (TOCANTINS, 1993,
p. 45.)

No trecho, o eu-lírico, de uma perspectiva pueril, descreve uma prostituta. A partir de um processo de eufemização, essa mulher é simplesmente a “mulher da ponte”. O adjunto adnominal “da ponte” situa espacialmente essa figura feminina e, conseqüentemente, remete à ideia de precariedade da vida, fato, aliás, bem delineado pela expressão “estrume proscrito”. Essas dicotomias instauradas no espaço amazônico ganham forma através do paradoxo estabelecido pelos

adjetivos “impura” x “pura”. Em suma, essa mulher da noite, apesar da vida dura, tem a mão suave que encanta o menino.

Avançando nesta seara interpretativa, outra temática que se destaca na lírica de Tocantins é a vida nos seringais. Essa questão pode ser observada nos versos de “Seringal Seringueiro”, “Gesta primitiva”, e “Seringal ao som da sonata ao luar”. Vejamos os seguintes versos:

Seringal Seringueiro
[...] Rios pérfidos agarrando seres
pra escravizá-los na mansão deserta
do tempo verde consumindo caminhadas.
Golpes na carne-essência das árvores,
menstruação vegetal,
espasmos de seiva,
hibernação de sangues brancos,
rigidez de formas quase petrificadas.
Soluços de solidão nas nuvens de periquitos,
estrelas gritantes na sombra do ser sozinho
que poreja no corpo os dias-mortos os anos-mortos
de existência embalsamada no ausente que jamais virá. (TOCANTINS,
1993, p. 47.)

Os versos acima ganham correspondência com o contexto histórico das últimas décadas do século XIX e início do século XX, quando, pelas secas recorrentes na região Nordeste, sobretudo as ocorridas na década de 1870, um grande número de sertanejos migrou para as paragens amazônicas, motivados pelo *boom* da borracha e o aninhado desejo de fortuna. A esse respeito, Arthur Cezar Ferreira Reis (1953), em seu conhecido estudo, *O seringal e o seringueiro*, destaca que o seringal era a expressão perfeita que caracterizava a Amazônia naquele momento de sua história econômico-social, local de onde partia toda a seiva que alimentava o luxo dos grandes centros urbanos.

Ainda sobre a vida dos seringueiros, o escritor Euclides da Cunha, em seus ensaios amazônicos, evidencia o regime de exploração a qual esses indivíduos, sertanejos migrantes, eram submetidos. Segundo o escritor, o seringueiro é o homem que trabalha para escravizar-se, pois, por mais que trabalhe, nunca consegue pagar a dívida que deve ao patrão (seringalista), tornando-se um expatriado dentro da própria pátria, desejoso de rever a sua terra natal.

Como mencionado no início deste estudo, a obra de Leandro Tocantins gravita em torno de dois polos: Pará (Belém e Marajó) e Acre. Assim, como

epílogo desta incursão interpretativa, analisemos, pois, os poemas “Ilha de Marajó” e “Astronauta do tempo”. Observemos os seguintes versos, extraídos da primeira composição:

A ilha empurrando o mar,
contendo o rio
pra que não chegue tão depressa ao fim.
Ilha das imagens voando no espírito do vento,
infinita lembrança de música adolescente,
claridade de grandes céus
nos braços do campo verde.
O boi, o cavalo,
o cheiro de leite,
o cheiro de mato
móidos no imenso ar entornado na aurora. (TOCANTINS, 1993, p. 49.)

No trecho citado, o autor buscou (re)tratar fatos peculiares ocorridos na Ilha do Marajó, a qual chama de “ilha do seu encantamento”, mesmo lugar que, na narrativa de Mário de Andrade, Macunaíma pede para Capei, a Lua, levá-lo; e terra natal de Alfredo, personagem das narrativas de Dalcídio Jurandir. Em seu romance *Marajó*, encontramos o seguinte trecho: “Os búfalos soprando n’água, imóveis e negros, assustavam os jacarés. Sucuriu ia apanhar os patos e rondar as crianças nos jiraus das fazendas” (JURANDIR, 2008, p. 338). Findando este passeio poético pela Amazônia, guiados pelos versos de Leandro Tocantins, podemos, pois, considerar que as *memórias* do autor cruzam-se, não só por espaços às margens dos rios (como nas reminiscências do estado do Acre), ou em circunscrições urbanas (nas agitadas ruas de Belém e Manaus), mas caminham por instâncias rurais, ultrapassando as fronteiras continentais, adentrando, por seu turno, no universo insular, no caso da Ilha do Marajó, marcado por vocábulos do mundo campestre: campo, boi, cavalo, leite, mato.

6 Considerações finais

O espaço amazônico vem sendo utilizado como inspiração para diferentes composições literárias, que vão da prosa à poesia, ressoando o “instinto de nacionalidade”, que dissera Machado de Assis, em sua face de crítico literário. Isto posto, podemos considerar que, em *Cosmoinfância*, de Leandro Tocantins, o eu-lírico, tal qual um repiquete, enche o texto poético com suas lembranças da

infância, essa vivenciada em diferentes espaços amazônicos. Nesse sentido, o discurso criativo do “menino hinterlandino” configura-se como uma espécie de ato fundador, visto que nomeia situações e elementos imprevistos, dando-lhes existência e lançando-os em uma luta, na busca de um espaço no campo das hierarquias das palavras encarregadas de dizer o mundo conhecido e compreendido.

Além disso, a obra de Tocantins funciona como uma espécie de *médium*, onde o tempo original, do campo ou da cidade, encarna-se num momento, ou seja, no relato do vivido, convertendo-se no presente, que transforma o homem. É o escritor que, na vida adulta, abre a algibeira onde guardou as experiências cultivadas entre o rio e a floresta. Nesse contexto, esse universo conhecido e compreendido por Leandro Tocantins, configurado em versos, por meio da organização de fatos remotos da vida do escritor, é uma forma de transmissão de uma memória amazônica. Portanto, podemos destacar que o autor, valendo-se da tessitura poética, soube “amarrar” os fios de suas experiências ao ritmo dos rios, ao bailado das folhas, ao passo das gentes da cidade, as chegadas e partidas nos seringais, ao abrir de janelas depois da chuva; enfim, pedaços de vida que constroem a própria existência.

Referências

ABREU, Casimiro de. Meus Oito Anos. In: MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 172.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo: menino antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas em quatro volumes*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

BARTHES, Roland. *Aula*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

BATISTA, Djalma. *Amazônia – Cultura e Sociedade*. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2006.

BRAGA, Genesino. Tocantins: Amazônia sempre. In: *Jornal do Comércio (AM)*, Manaus, ano LXIV, edição 20.283, p. 2, jan/1970. Disponível em: <https://abrir.link/CKGXD>. Acesso em: 22 mai. 2023.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. 26. ed. Tradução: David Jardim. Rio de Janeiro, 2002.

CAEIRO, Alberto. O Guardador de rebanhos. In: TUFANO, Douglas. *Estudos de literatura portuguesa*. São Paulo: Ed. Moderna, 1981, p. 235.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CRUZ E SOUSA, João da. *Faróis*. Rio de Janeiro: Typografia do Instituto Profissional, 1900.

CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. Rio de Janeiro: ABL, 2005.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. São Paulo: É Realizações, 2013.

GUIMARÃES, César. *Imagens da memória: entre o legível e o visível*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários – Fale – UFMG: Ed. UFMG, 1997.

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.

JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. 4. ed. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina: e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MORAIS, Raimundo. *O meu dicionário de cousas da Amazônia*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. *O Boulevard da República: um boulevard-cais na Amazônia*. Curitiba: Appris, 2020.

PEREGRINO JUNIOR, João. *Histórias da Amazônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

PLATÃO. *Fedro*. 2. reimp. Trad. José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Martin Claret, 2011.

PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1992.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O seringal e o seringueiro*. Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico IBGE, 1953.

TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha e o paraíso perdido*: tentativa de interpretação de uma presença singular na Amazônia e a consequente evolução de um pensamento sobre a paisagem étnico-cultural, história e social brasileira, alargando-se nos horizontes da história transcontinental. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978.

TOCANTINS, Leandro. *Invenção da floresta*: três livros de poemas: Cosmoinfância; A memória de viver; Os silêncios do canto & inéditos: Poemas da hora imaginada. Belém: CEJUP, 1993.

[Artigo recebido em 25 de setembro de 2023 e aceito em 29 de novembro de 2023.]